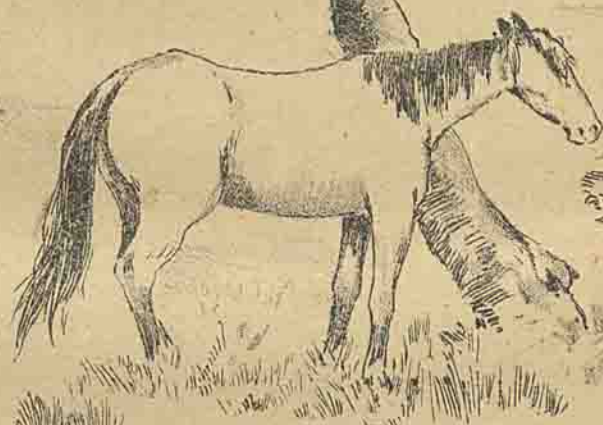
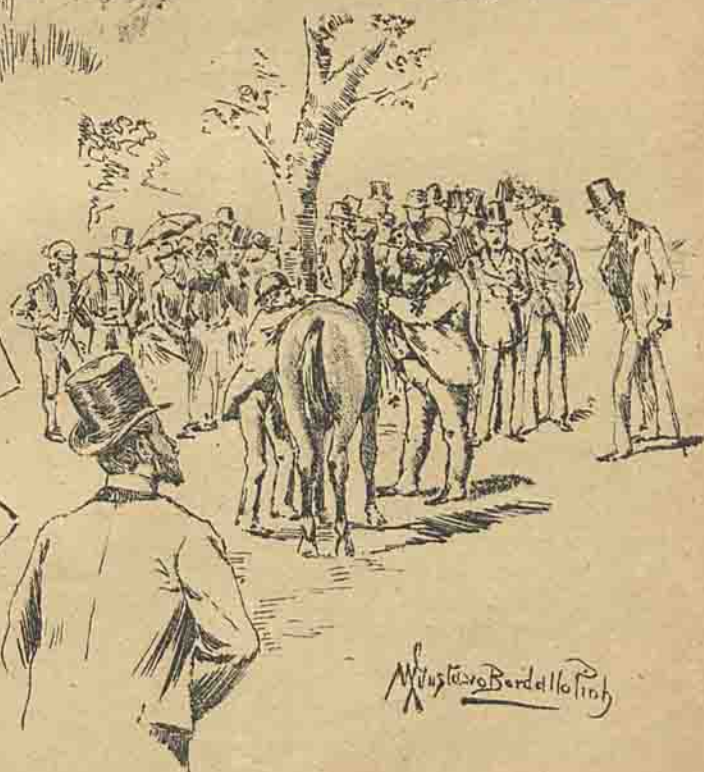
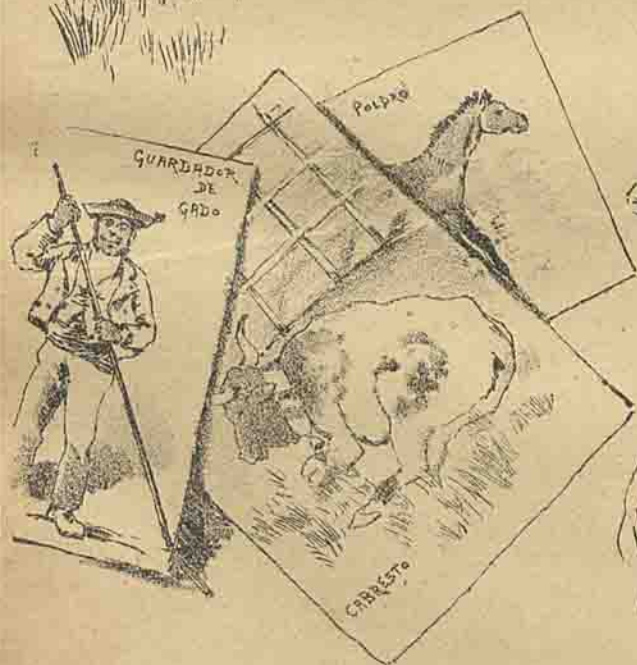




Regente — Cavallo do sr. Jose Pinheiro, das Gaieiras.



Grupo de campos.



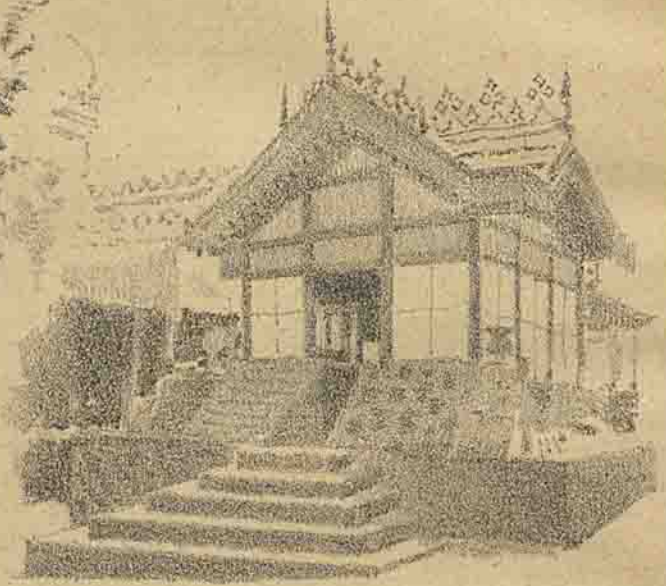
Miguelo Bardallo Pinh

Croquis diversos, tirados do natural.

Annexos da secção agrícola



Instalação do sr. Francisco Simões Margiochi, um benemerito que traz ao serviço da agricultura o melhor dos seus grandes capitães, do seu valioso talento e dos seus vastos conhecimentos agrícolas.



O annexo da Empresa Cerâmica de Lisboa, uma empresa prospera e cujo largo desenvolvimento é devido em grande parte ao esforço dedicado de Eduardo Lupi e Carlos Bandeira de Mello.

Nos saltos pela exposição

Pelo titulo não vá o leitor imaginar que esta chronica seja feita no sentido gymnastico da palavra; isto é: que nós andemos pesselmente, pernalmente, aos saltos pela exposição, tomando apontamentos para a nossa chronica.

Não nos chamou Deus para fazermos letras como os irmãos Conrad fazem musica—às cambalhotas.

E, que nós tivessemos chamado, nós fazíamos ouvidos de mercador para o caso de andar saltando pela exposição—caso a que se oppunham, seis rheumaticos: as nossas pernas—dois—e os quatro veteranos que na exposição fazem a guarda da galeria—seis.

Aos saltos pela exposição quer dizer que esta chronica não obedece a um plano determinado, a uma marcha regular. É feita aos bocadinhos, um aqui, outro ali, outro acolá, aos apontamentos, rapidos—como o expresso de S. Francisco da California, saltcados—como o rim de vacca que nós acabamos de devorar ao almoço.

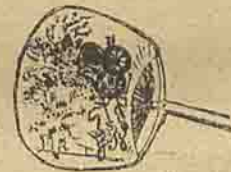
Para hoje temos o seguinte:



Fabrica de lanificios de B. Daupias & Companhia.
—Imitação do carro funerario do Largo da Abegoaria, para enterros de brasileiros ricos.

Falta-lhe apenas o S. Miguel em cima, mas não lh'o pozeram porque o tecto da galeria não dava espaço para o S. Miguel ficar em pé.

Está claro que não haviam de pôr o S. Miguel de cocoras...



Fabrica de lanificios de José Mendes Veiga, em Pero Mouro—O carro n.º 2 da mesma empresa funeraria. Para enterros mais modestos, como conselheiros, commendadores, chefes de repartição, etc. Caixaão á cova: offerta ao parochó 97600 e dois arrateis de cera.



Affonso de Barros & Companhia—Rua Augusta, 81.
—Expõe rouparia n'uma especie de capellinha proxima dos dois antecedentes e que pôde ser aproveitada para n'ella se resarem os responsos de defuntos.

Podia pôr este letreiro:

ENGOMMENDAM SE DEFUNTOS E ROUPAS BRANCAS



Costa Braga & Filhos—Porto.—Entre muitos outros, expõe um chapéu que offerece a novidade e a conveniencia de se virar rapidamente do avesso, passando de preto a branco ou vice-versa.

Parece-nos excellente para gatunos e namorados. E' se pilhado a dar um beijo ou a furtar um lenço; a policia vem no encalço; ao virar d'uma esquina vira-se o chapéu para o lado preto, e desata-se a berrar, fazendo côro com os perseguidores:

—Pega que é ladrão! fã que é malandro! Agarra o homem do chapéu branco!



Campos Cortez—Villa Nova de Gaya.—Uma enorme pyramide de sabão, que a todos se afigura de matmore da Arrabida.

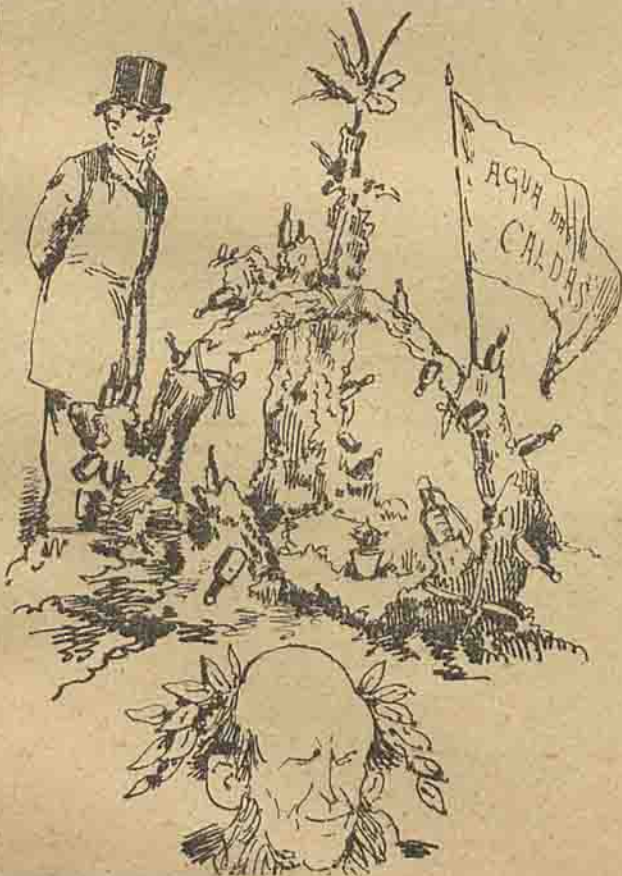


Anexo da secção de minas.—Bocadinhos de marmore da Arrabida, que a todos se afiguram feitos de sabão.



Na mesma secção—Aguas das Caldas.—Varias garrafinhas com os gargallos enfeitados de fitas multicores, como toiros em dia de toirada de fidalgos.

As garrafinhas sahem dos troncos de uma arvore de cortiça que tem feito o desespero de todos os confeiteiros que costumam armar a arvore do Natal.



Quando a sabedoria das nações escreveu que «a verdade é como a cortiça, que anda sempre ao de cima d'agua,» decerto não tinha visto a exposiçào da agua das Caldas. Allí é a agua que anda ao de cima da cortiça.



Pharmacia Franco, de Belem.

Zé das Pinguinhas:—Que demonio expõe o Franco?

Um visitante:—Expõe vinho de carne.

Zé das Pinguinhas, batendo no peito nu:—Pois eu exponho carne de vinho!



Uma santinha!...

(A Pan-Tarantula)

Era Thereza a mais sisuda
Das afilhadas do Prior,
Para as maldades sempre muda
Pr'as orações era um primor.

Missas. Té-Déuns, tudo ella ouvia
Com fervorosa devoção,
O seu missal lio e relia
Sempre d'olhar fito no chão.

Porém, um dia, de surpresa,
O bom Prior vai encontrar,
Dentro do quarto de Thereza...
Um arrogante militar!...

Fica o prior de bocca aberta
O militar deita a fugir,
E logo em casa tudo alerta
Quer a verdade descobrir!

Diz a Thereza:—Que alvorço
O militar agora faz!
Não tenho culpa que ao almoço
M'o mandem dentro do cabaz!...

Fica o Prior a duvidar...
Pois em rapaz sabe o que fez!
E trata logo de casar
A Therezinha antes d'um mez!

Ter o Prior com tino andado
Por toda a parte hoje se diz!
—Apoz seis mezes, baptisado
Foi um soldado... inda petiz!...

A. ARMANDO.

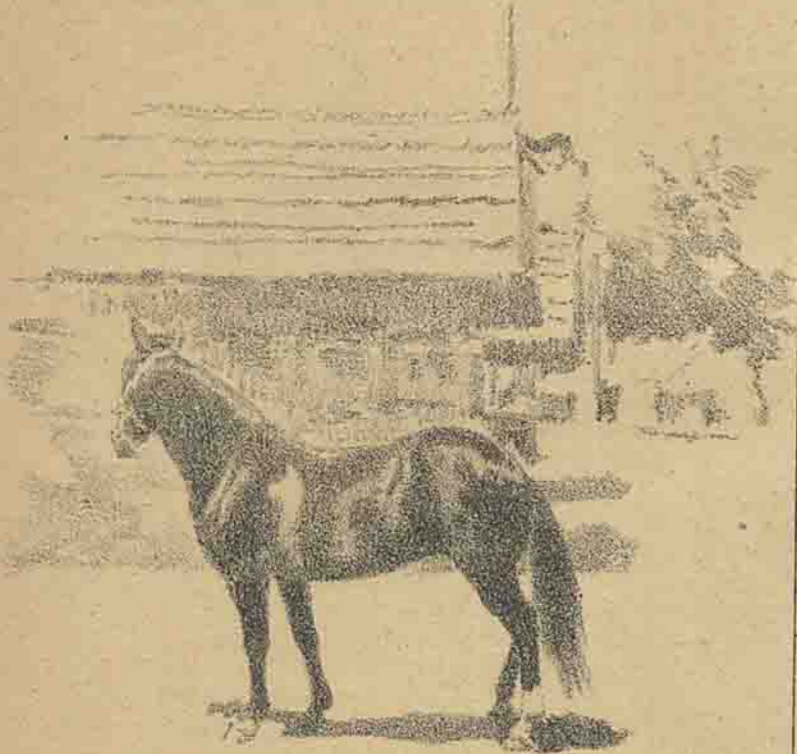
CANÇONETAS E MONOLOGOS

DE

Pan-Tarantula

2.^a edição.—Veja-se o annuncio na capa

EXPOSIÇÃO PECUÁRIA



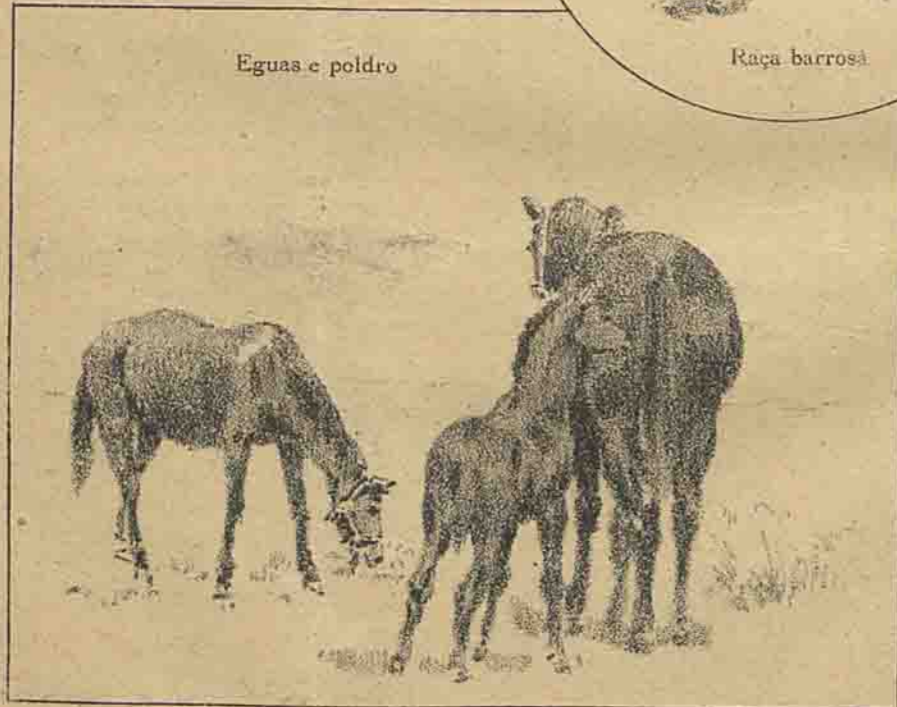
Almorol, cavallo de raça portugueza, pertencente ao sr. Jose Pinheiro, das Gaíras, e que obteve o primeiro premio dos poldros.



Annexo do hospital de veterinaria



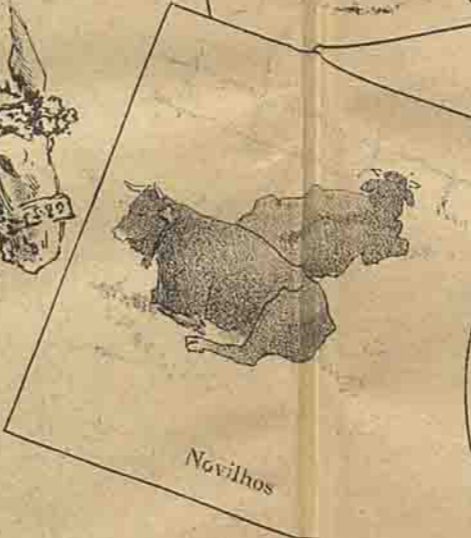
Raça barrosa



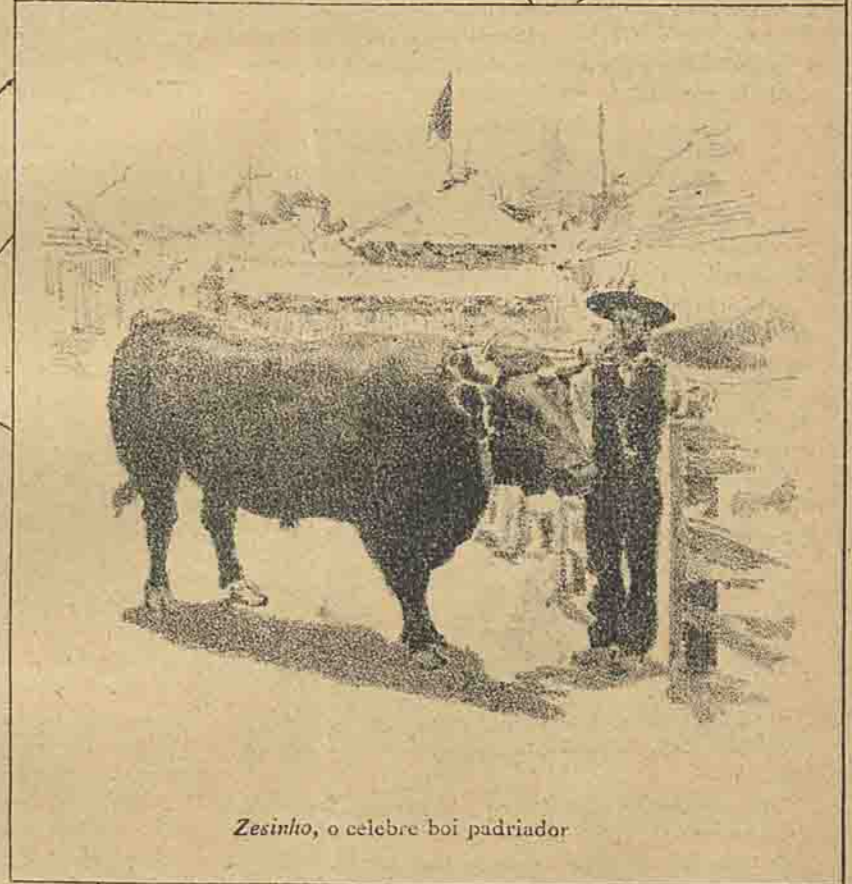
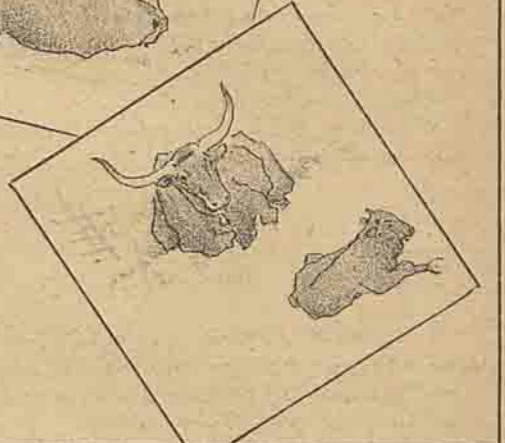
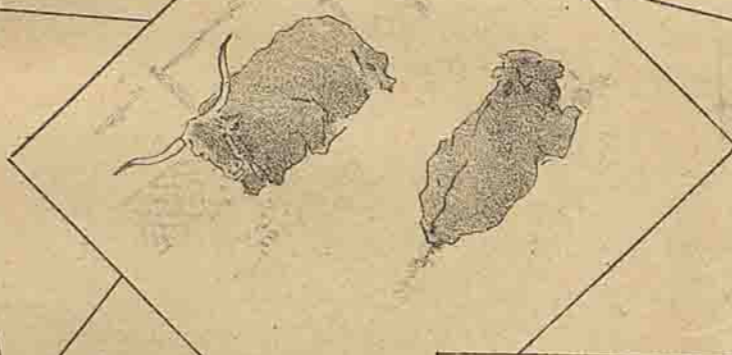
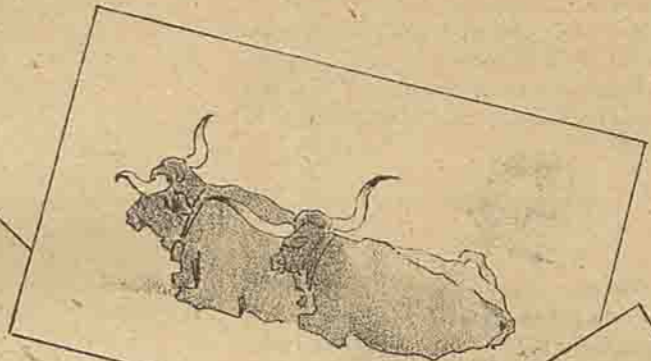
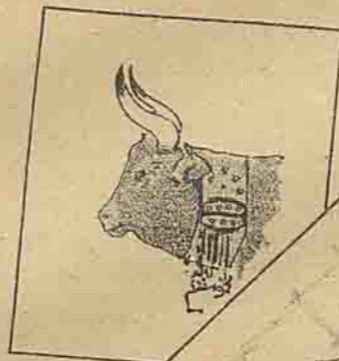
Eguas e poldro



Novilhos



O Zesinho, de perfil



Zesinho, o celebre boi padriador

Sopa a quatro

Varias folhas sertanejas occupam-se ainda do caso do subsidio á fabrica de faianças, caso que já explicámos cathegoricamente no nosso penultimo numero, pondo-o tão claro como decerto nunca estiveram as caras dos redactores das citadas folhas — nem mesmo depois da lavagem dominical.



O *Jornal de Vianna*, fazendo o elogio d'um periodico do Porto — seu collega em merecimentos — e referindo-se ao facto de haver elle serrado dois coices no director dos *Pontos nos II*, termina por esta phrase:

«Nunca as mãos lhe doam.»

Não doem, fique descansado. — A menos que lhe sobrevenha abrir algum caso...



O *Diario do Alemtejo*, cujo redactor principal se chama Gomes Porqueiro, ou coisa que o valha, tambem grunhe, falto de bolota e de grammatica, umas sandices quaesquer que nem o diabo entende.

Tenha paciencia mas tambem lhe não damos bolota. Se tem fome espere pelo advento do S. Martinho, que é quando os castanheiros andam a gemer de ouriços. Até lá gema você.



O *Damião de Goes*, de Alemquer, diz que o director dos *Pontos nos II* «botou prosa explicativa etc.»

Este nem sabe ler; se soubesse, veria pela assignatura da citada prosa que ella não era da pessoa a quem a attribue.

Evidentemente fez obra pelo que lhe leu o sapateiro do sitio, mais versado de que elle em questões de lettra gorda.

Pois era melhor que o referido sapateiro fosse para a redação deitar tombas no jornal e o redactor se occupasse a redigir meias solas na tripeça do sapateiro.



O *Caldense* dirige se-nos de gravata, o que nos obriga a vestir o casaco que despirámos no começo d'esta secção.

Diz o redactor do *Caldense* — Magriço das fabricas productoras de trinta gerações de paliteiros — que os processos de vidração apresentados pela fabrica de faianças foram aprendidos n'uma d'essas fabricas productoras das trinta gerações de paliteiros. E, a proposito, conta-nos esta singella mas commovente historia:

«No anno de 1884 fez-se em Lisboa uma *kermesse* iniciada por Sua Magestade a Rainha.

N'essa *kermesse* appareceram productos ceramicos

modelados pelo sr. R. Bordallo mas vidrados sob a direcção do proprietario da fabrica onde esses mesmos productos foram executados.»

E depois d'isto não havemos nós de ficar acreditando que este Magriço — ao contrario de Deus Nosso Senhor — vê torto por linhas directas!

Pois tu não reparas, Magriço d'um anjo, que nos estás dando razão? — uma coisa, por signal, que nós nem te pedimos...

Pois tu não vês, Magriço d'uma figa, que se os taes productos ceramicos modelados em 1884 prod iram um effectarrão na *kermesse*, sendo vidrados pelo mesmo processo das trinta gerações de paliteiros, esse effectarrão só se pode attribuir á originalidade artistica d'aquelles productos e nunca ao tal vidramento, quando circumscripto a gerações de paliteiros?

Que o vidramento é excellente, somos nós o primeiro a proclamal-o.

Mas que os paliteiros são detestaveis, não serás tu mesmo o ultimo a apregal-o...



Escreves tu mais, Magriço d'uma cana:

«As nossas pequenas fabricas só fabricam productos que se limitam a trinta gerações de paliteiros, porque sempre foram desprotegidas e nunca tiveram accionistas que as auxiliassem nem reclames encommendados que as levantassem.

Enganas-te, ou antes, queres enganar-nos. Magricinho d'um mafarrico.

As tuas pequenas fabricas já não fabricam productos que se limitem a trinta gerações de paliteiros, como fizeram durante mais de trinta annos consecutivos.

As tuas pequenas fabricas já fabricam productos de alg uma novidade, apesar da falta de originalidade.

As tuas pequenas fabricas já fabricam o abano *port-lettres* apresentado pela fabrica de faianças, o chinello d'eurello, as phosphoreiras de cabeças de animaes e muitos outros productos cujo inicio pertence áquella supradita fabrica e com que nunca concorreram ao mercado durante as trinta gerações de paliteiros...

As tuas pequenas fabricas abalançam-se apenas aquelles modestos vãos porque teem asinhas implumes; mas demonstram que já lhes vaie nascendo algum pelliho — do que aliás lhe faltára durante trinta gerações de paliteiros.

Finalmente, as tuas pequenas fabricas, se não tiveram accionistas que lhes dessem uma ajuda, como tu lamentas e nós profundamente lastimamos, é porque lhes faltou a iniciativa ou o valor de os adquirir, não diligenciando, em tão longo periodo de annos, avançar um passo que fosse n'essa bella estrada que constitue uma das maiores glorias da nossa historia industrial e preferindo antes aproveitar as condições excepcionaes das Caldas, como centro de producções ceramicas, na manufactura impertinente de trinta gerações de paliteiros.



Na tua chronica, Magriço d'uma bruxa, impingiste-nos a *historia* que transcrevemos; pois impingimos-te

outra, que te damos licença de transcrever também. Ouve lá.

Era uma vez uma velha, que em lugar de ter um gato tinha uma terreola que não lhe dava senão batatas, o mesmo que tinha dado a trinta gerações transactas de proprietários — está bem de ver, porque todos elles, como a velha sua sucessora, nunca plantavam senão batatas.

Sub-arrendo a velha um dia metade do seu chronico batatal a um vizinho emprehendedor, o qual, em vez de batatas, começa a seinar espargos, e agora vereis o que é nascer espargos e vender espargos macios e summarentos que até a meza do rei foram algumas vezes, a ponto do homem dos espargos ganhar rios de dinheiro, ganhando ao mesmo tempo fama de pessoa de muito juizo e tino.

A velha mordeu-se que se fartou pela felicia do vizinho e, sempre a semear batatas, lá foi comtudo semeando também o seu espargosito — de algum que podia apanhar na horta da vizinhança.



Parece-nos que escusamos de pôr mais na carta...

Que a terra era da mais superfina qualidade isso não soffre a mais pequena contestação.

Do que ella precisava era d'algum emprehendedor e que soubesse o nome aos bois — que é como quem diz aos espargos — para d'ella colher espargos em vez de se limitar a colher batatas.

D'esta veridica historia — Magricinho dos paliteiros e mais das nossas entranhas — te auctorisamos a fazer uso, penta n'um quadro, para ornamentação da tua sala de visitas e tendo por *pendant* a outra que se refere ás trinta gerações de paliteiros...



Rego-cup

Rego-cup, assim se chama
Uma bebida que inflamma,
Quando a mão de gentil dama
A beber nol-a fornece:
D'essa bebida exquisita,
Que o paladar arrebita,
Bebi eu dose infinita
Quando fui vêr a *kermesse*.

Na fina côr de topasio
A mirar-me, d'olho gaseo,
Eu jurei sobre um copasio,
Com fé pura e santo apego,
Que jámais na minha vida,
Quer por copo, ou por medida,
Tomaria outra bebida
— A não ser do dito *rego*!

Passaram duas semanas,
Que andei com sédes tyrannas
A correr cafés, chanfanas,
Da bebida sempre em cata:

Mas, d'essa extranha delicia,
Ninguem me dava noticia,
Nem na tasca da Mauricia,
Nem no grande hotel do Matta!

Andando a largas escotas,
De suor pingando gotas,
Já trazia as botas rotas,
Como o Asvero d'outras eras,
Até que hoje, ao meio dia,
Quando o sol mais refulgia,
Embiquei, á Mouraria,
N'um café de *camareras*.

Bati palmas; chegou-se uma
De carnes brancas de espuma,
Negro olhar — perfeita, em summa,
Desde o sapato á mantilha;
E disse, em *pose de maja*
N'um doce olhar que me afaga:
— Que queiere usted que yo le traga!
Champagne, gin, manzanilha?

Envolve-a no olhar quente
Que vem aos olhos da gente
Quando outro olhar refulgente
Sobre o nosso olhar se poisa...
E á moça fallando assim,
Disse, tin-tin por tin-tin:
— Nem manzanilha, nem gin...
Eu tomo cá d'outra coisa...

— Eu jurei por minha vida
Tomar só d'uma bebida,
E' pois essa, minha qu'rida,
Que descjo; ouve lá tu:
(E, por não saber inglez,
Expresssei-me em portuguez,
E pedi-lhe em tom cortez
Que me desse *Rego-cup*...)

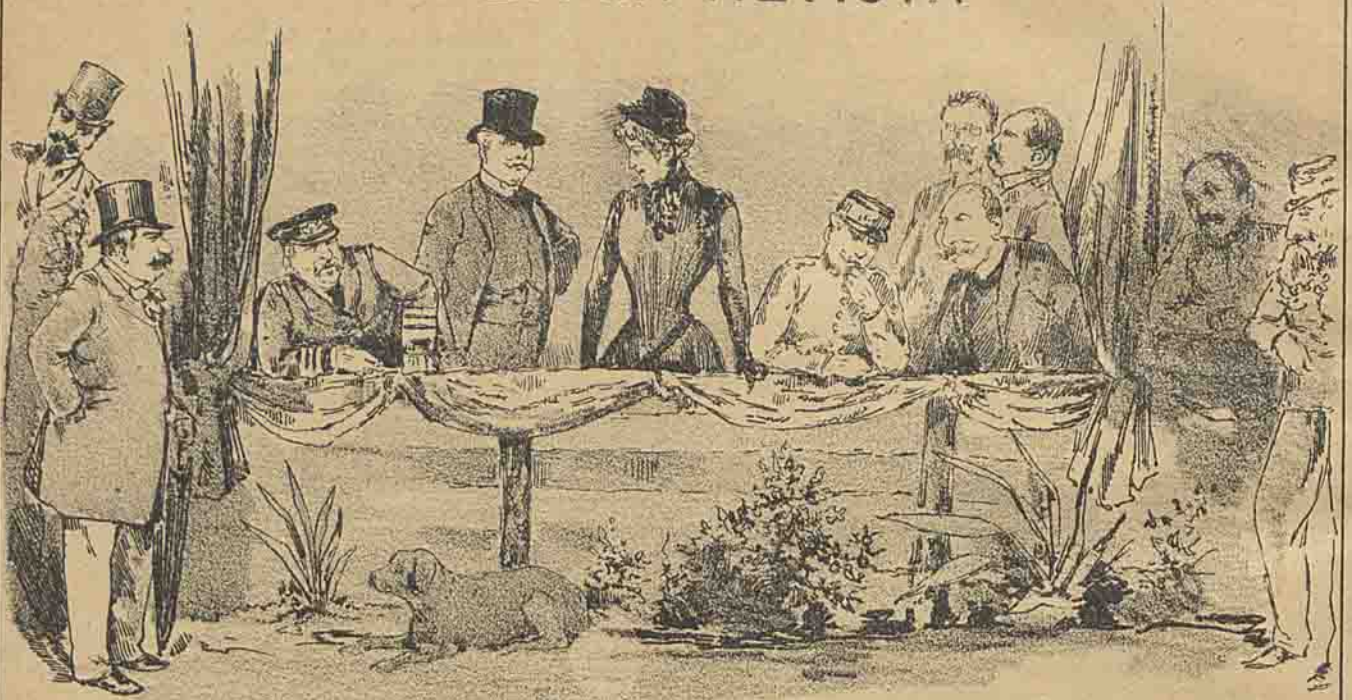
Mas a moça — oh! coisa rara! —
Dá-me co' um copo na cara,
E a gritar como uma arára
Inda quer ir-me ao faval:
E, por cima, em contrapeso,
Um policia todo teso,
Chega, inquere, leva-me preso,
... Por *offensas á moral*!!!



A attitude assumida por um pateta com merecimentos artisticos para desenhador de pulhas carnavalescas, obriga-nos a encarregarmos o moço da cocheira ali defronte de lhe responder convenientemente — fóra das paginas do nosso jornal, que não queremos sujo.

A contenda é pois com elles.

EXPOSIÇÃO PECUARIA A ULTIMA REVISTA



A familia real assistindo á ultima revista de gado na exposiçao pecuaria



Jogo de cabestros do sr. José Palha.



Pastor de Mira

Um burro que levanta os creditos da sua raça.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO.

Pastor e respectivo porco — dois.